



* A. C. Portinari Greggio

NO LLORES POR MÍ, ARGENTINA

Quem diria: a causa do comunismo cucaracha se chama oxitocina

Este mês deveríamos publicar a continuação da série sobre a revolução brasileira, do povo contra a elite usurpadora que se apossou do poder e hoje trama um golpe de Estado — tudo, acreditem, dentro das tais quatro linhas da constituição de 1988. Diz o ditado que Deus escreve direito por linhas tortas. Pois bem, no caso brasileiro, Sarney não escreveu torto por quatro linhas... não tão direitistas, mas vale lá. A gambiarra de 1988 serve para tudo.

Lamentavelmente, neste mês não pudemos preparar o artigo a tempo. Em seu lugar, com a tática permissão do Cel Miguez, publicaremos um texto inédito sobre a Argentina. Uma correspondência informal com companheiros da minha turma da Escola Preparatória de Cadetes de SP, a saudosa EPSP da Rua da Fonte. A mensagem foi enviada em maio de 2013 — mais de cinco anos atrás. Mas o tema é atual: a eterna crise da Argentina.

A Argentina, que tinha moda forte até 1946, tomou em parafuso inflacionário após a tomada do poder por Perón, e nunca mais se recuperou.

A crise monetária e fiscal da Argentina começou com Perón. Mas Perón não foi a causa de tudo.

Ao contrário, o fenômeno Perón foi efeito de uma crise cambial e de uma virada econômica que vinha afetando a Argentina desde o começo do século 20.

Desde meados do século 19 a Argentina e o Uruguai — assim como a Austrália e a Nova Zelândia — se beneficiaram de um acidente geográfico: eram países ricos, com extensas terras férteis, que por acaso ficavam no Hemisfério Sul. Devido ao clima, podiam praticar o mesmo tipo de agropecuária existente no Hemisfério Norte. A diferença era que a safra no Sul, pouco povoado e com enormes excedentes de produção, coincidia com a entressafra no Norte, rico, populoso e com insaciável procura por aqueles produtos.

Isso permitiu que os países do Sul exportassem sua produção, de custo relativamente baixo, a preços altíssimos, com grandes margens de lucro.

Era algo parecido com o caso do petróleo, que tem o mesmo comportamento em termos de custo e preço.

Estou convicto, até pelo fato de ter vivido e trabalhado nos países do Oriente Médio, de que o petróleo é maldição. O dinheiro fácil, concentrado nas mãos do governo — que monopoliza as concessões e embolsa royalties sobre as exportações — faz surgir infernal máquina de corrupção, que impregna todos os setores da vida nacional, de modo que as nações produtoras se transformam em sociedades parasitárias, nas quais ninguém quer saber de trabalhar duro ou de estudar, e a única ocupação das pessoas é a política e a politiquagem, como meios de conseguir brecha nas leis do governo — tal como milhares de filhotes nos chiqueiros ou canis.

Na Argentina e no Uruguai a situação era diferente dos países petrolíferos de hoje, porque o governo não monopolizava a produção de trigo, lá, laticínios e outros produtos, a qual estava concentrada nas mãos da aristocracia de grandes estancieros.

Mas a exportação de carne, laticios, trigo etc., dependia de uma classe de trabalhadores, grande parte dos quais imigrados da Europa.

Acreditem se quiserem, mas estou convencido de que, em certos locais da Europa, particularmente o Norte da Itália e certas regiões da Espanha, tais como a Galícia, a população sofria de um mal genético que empurra as pessoas para o extremismo político.

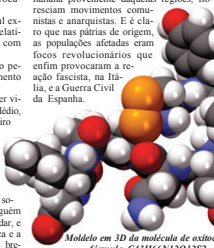
Essa era gente com tendência inata para o comunismo, o anarquismo e outras doutrinas subversivas.

Observe esse fato na minha própria família, especialmente no ramo dos Portinari. Eles vieram do Norte da Itália, e eram todos revoltados com tendência subversiva. Meu tio, o pintor Cândido Portinari, foi membro premente do Partido Comunista. Meu

avô, pai do Cândido, era anarquista. A família toda simpatizava com a esquerda. Eu próprio teria embarcado nessa canoa, não fosse essa influência contrabalançada pelo lado paterno, os Greggio, os quais eram de tendência oposta. Meu pai, por exemplo, serviu no 5º RI em Lorena, lutou na campanha de 1930, foi promovido a cabo, e chegou a simpatizar com os integralistas na juventude. Minhas tias pelo lado paterno eram católicas convictas, dessas de nunca faltarem a uma ou menos três missas semanais. Eram visceralmente anticomunistas.

Felizmente meus pais eram casal unido e feliz, razão pela qual o antagonismo ideológico nunca envenenou suas relações. Mas sem dívida banguêu a cabeça dos filhos, pois dentro de casa eram submetidos a duas doutrinações opostas.

Voltando ao assunto da subversão genética: ao longo dos anos, observei que em todos os locais de imigração espanhola ou italiana proveniente daquelas regiões, floresciam movimentos comunistas e anarquistas. E é claro que nas pátrias de origem, as populações afetadas eram focos revolucionários que enfim provocaram a rejeição fascista, na Itália, e a Guerra Civil da Espanha.



Modelo em 3D da molécula de oxitocina, fórmula C₃H₆N₁₂O₁₅₂

Na Argentina e no Uruguai a presença dessas imigrantes ativamente comunistas teve, na minha opinião, grande influência histórica.

A partir das décadas 1920-1930 as vantagens geográficas da Argentina e do Uruguai começaram a fazer menos diferença. Grandes progressos na tecnologia agrícola e na estocagem de carnes, e a revolução logística causada pelos caminhões e estradas de rodagem, abriram novas terras à produção agropecuária rentável, de modo que o Hemisfério Norte podia produzir excedentes de alimentos que afetavam negativamente os preços dos produtos do Hemisfério Sul.

A Austrália e a Nova Zelândia se adaptaram às novas condições, diversificando suas economias.

Mas a Argentina e o Uruguai não conseguiram fazer o mesmo porque a aristocracia estancieira não tinha esse jogo de cintura, e a classe operária — os trabalhadores dos frigoríficos, ferrovias, portos e sistemas de logística — era composta, em boa parte, daqueles elementos revolvidos por instintos, os quais, em vez de entender ou cooperar, só



Cristina Fernandez, um casal feliz.



queriam aproveitar a crise de modo infantil e irresponsável, para derrubar a invejada oligarquia dos estancieros.

A Segunda Guerra Mundial adiou a crise. Mas ao final da Guerra ela se agravou. As dificuldades cambiais exigiam austeridade, mas os sindicatos não aceitavam, e clamavam por justiça social, ou seja, mais gastos por parte de um governo em profunda crise fiscal. A revolta organizada pelos sindicatos abriu oportunidade a demagogos como Perón, que em 1946 assumiu, com apoio delirante das massas, poderes ditatoriais. Ai começou a crise monetária e cambial que até hoje assola a Argentina.

Além da Argentina, outro exemplo de país impregnado de odio político e de rebelião suicida era Cuba. Não vou entrar em pormenores para não passar dos limites da paciência dos amigos. Mas Cuba tinha, com seu açúcar, privilegiada situação econômica semelhante à da Argentina. E tal como a Argentina, vivia em contínua instabilidade política, causada pelo conformismo de setores proletários e de classe média — grande parte dos quais composta de imigrantes galiezes, dentre os quais o pai de Fidel Castro.

Curiosamente, Joaquim Murinho, Ministro da Fazenda de Prudente de Moraes, observou o fenômeno no Brasil ainda no nascedouro, no final do século 19, e propôs mudança na política de incentivo à imigração europeia, a fim de selecionar melhor quem vinha para cá. Isso não impediu que elementos de origem europeia tivessem importante participação no surgimento do comunismo no Brasil.

Sem encontrar explicação lógica para o comportamento esquerdista, sempre suspeitei que poderia haver alguma causa neuropsíquica do fenômeno.

Há poucos anos tive a primeira confirmação dessa suspeita.

Publicaram-se, em revistas especializadas, resultados de estudos sobre uma substância produzida pelo cérebro, denominada oxitocina.

Minha filha, que na época estudava Medicina, conseguiu cópia desse material na biblioteca da universidade.

A oxitocina tem várias funções, todas elas no sentido de encorajar, facilitar, desinibir o indivíduo. É importante componente da sexualidade. Mas a função que nos interessa é de restabelecer o equilíbrio neuropsíquico em situações de ansiedade. A ansiedade é mecanismo nervoso que serve para controlar e inibir o comportamento social do indivíduo. A oxitocina contrabalança a ansiedade e dá coragem e disposição para ficar à vontade e sentir-se em casa, e assim facilitar *favor amigos e influenciar pessoas*, como naquele livro do Dale Carnegie.

Acontece que, em certos indivíduos, há tendência genética para superprodução

de oxitocina, independentemente de ansiedade. Esses tipos não têm capacidade de se inibir, nem de se manter. São descuidados, incapazes de autocrítica, sentem-se à vontade em todas as situações, não têm sentimentos de vergonha na cara, e invadem a vida alheia sem a mínima cerimônia. Seu comportamento tem semelhanças com o dos psicopatas, embora sua anomalia tenha manifestações diferentes. Podem tornar-se assassinos, mas não movidos pelo mesmo tipo de sentimento (ou melhor, de falta de) que impele os psicopatas. Além disso, são emotivos, característica que falta aos psicopatas.

Seja como for, o mecanismo da oxitocina cai como uma lua no caso do Fidel Castro — cujo pai, é bom lembrar, era galês.

Fidel Castro é o típico contestador irresponsável e atávico — ou seja, é revolvido por natureza, haja ou não razão material para sua revolta.

Antigamente, no tempo da Guerra Civil da Espanha, diziam que o espanhol era o cara que chegava num país e perguntava: *‘Hay gobierno en esta tierra?’ Si lo hay, soy contra!* Isso era dito como piada, mas o caso da oxitocina provou que não era. Em muitos casos, a revolta está no sangue.

Fidel, por exemplo, é capaz de visitar amigos (aí de quem recusar sua amizade, em Cuba!) às onze do noite, sentar-se na cozinha, servir-se de café, e falar continuamente até às quatro ou cinco da manhã, com o maior entusiasmo, sem dar a mínima para as caras de todos os visitantes. É capaz de juntar multidoes de seguidores e fazer discursos de seis horas ou mais. Não se inibe com nada. Tem fama de corajoso: enfrenta qualquer parada, de arma na mão, sem medo, e por isso é admiradíssimo; mas poucos notam que, de fato, é irresponsável e desastrado. Na crise dos mísseis, em 1962, gritava com os russos, a exigir que desfechassem ataque nuclear preventivo contra os Estados Unidos, sem considerar que Cuba seria varrida do mapa no mesmo dia. Considera-se dono de Cuba e do povo cubano, como se fossem seu gado particular. Quando alguém foge da ilha, sente-se ultrajado, traído, abandonado, vitimado, e volta-se com fúria vingativa contra os imigrantes “traidores”. Quando Cuba é sede de campeonatos esportivos, Fidel abandona seus afazeres — se é que os tem — e fica horas a fio nos estádios, assistindo aos jogos. Não se trata apenas de interesse em esportes. Fidel está lá na condição de dono do plantel, orgulhoso, a observar suas reses, como nesses concursos de bois ou cavalos. Reparam no seu jeito, no modo como se senta e assiste aos jogos.

Só a patologia clínica pode esclarecer esse comportamento. Afinal, toda a loucura tem sua lógica peculiar.

Talvez esses estados expliquem também o drama da Argentina, nação que tinha tudo para ser no Primeiro Mundo, mas resvala, cheia de ódio, ressentimentos e estúpido fanatismo, para o Terceiro.